

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Fidelidade
e traição:
A história
da missão
franciscana**



Lição 8

Curso Básico sobre o Carisma Missionário Franciscano



Fidelidade e traição: A história da missão franciscana



Lição 8

Copyright

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC, em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Maria Crucis Doka OSF, Patricia Hoffmann,
Margarethe Mehren OSF, Andreas Müller OFM,
Othmar Noggler OFM^{Cap} e Anton Rotzetter OFM^{Cap}

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Renato Kirchner

Para a aquisição desta lição ou de outras, favor entrar em contato com:



**FAMÍLIA FRANCISCANA
DO BRASIL**

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0 24) 242.5247 e 242.1300

FAX (0 24) 242.7644

Email ffb@comupand.com.br

Página 2

Fidelidade e traição - Lição 8



Índice

Fidelidade e traição: A história da missão franciscana

Texto das Fontes	5
Frei Egídio na Tunísia	
I. Introdução	7
II. Visão de conjunto	8
III. Informação	9
1. São Daniel e seus companheiros	9
2. O bem-aventurado Raimundo Lullo	10
3. João Piano di Carpine	11
4. Colette de Corbie	12
5. Francisco José de Jaca e Epifânio de Moirans	14
6. São Fidélis de Sigmaringen	14
7. Antônio Caballero	16
8. Plácido Tempels	17
9. Marie de la Passion	19
10. Cardeal Guilherme Massaia	20
11. São João de Capistrano	21
12. Mary Hancock	23
13. Frei Augusto Ramirez Monastério	24
IV. Exercícios	26
V. Aplicações	30
VI. Bibliografia	33
VII. Legendas das ilustrações	35







Texto das Fontes

rei Egídio na Tunísia

Enquanto Francisco estava no Egito para encontrar com o sultão, Frei Egídio, o quarto irmão a se juntar a Francisco, foi à Tunísia, onde havia muitos cristãos que conviviam pacificamente com a população muçulmana. Isto, porém, mudou depois da chegada de Frei Egídio que, ao que parece, não veio sozinho mas liderava um grupo de irmãos. Pelo seu modo de falar, demonstrava desdém pela fé islâmica e ultrajava a honra do profeta Maomé.

Enquanto procedia assim, um certo homem, venerado como um santo entre os muçulmanos, levantou a voz gritando: „Infiéis acabaram de chegar entre nós para falar mal do nosso profeta e da lei que temos recebido dele. Portanto, apelo a vocês para que matem pela espada esses intrusos recém-chegados.“ Começou assim um grande tumulto. Os cristãos, que ali moravam, sentiam o perigo e começavam a temer por suas vidas. Prontamente, levaram Egídio e seus companheiros à força de volta ao navio no qual tinham chegado. Muito a contragosto, os irmãos foram obrigados a reembarcar e a retornar à Itália (Relato baseado na biografia de Frei Egídio).







Introdução I.

Novo tipo de historiografia

Hoje em dia, muitas pessoas sentem um certo cepticismo frente à história, perguntando se realmente vale a pena fazer tanto esforço para dedicar-se ao estudo da história da Igreja, das missões e da vida franciscana. Não seria mais importante ocupar-se do tempo presente que está em nossas mãos e que tem que ser transformado em algo muito significativo por meio de nossa ação responsável? Porém, a história da Igreja e da família franciscana nos pertencem tanto quanto as raízes fazem parte da árvore. Um olhar lúcido sobre a própria história é capaz de inspirar e transformar o presente e o futuro. Vale a pena, sim, investigar até que ponto as irmãs e os irmãos que nos precederam tenham compreendido e realizado a visão missionária a nós legada por São Francisco.

Até tempos muito recentes, a história foi vivida, interpretada e descrita pelos poderosos da terra no intuito de justificarem seus próprios atos e aumentarem sua fama. Isto é válido para qualquer historiografia em geral e, de modo especial, para a história das missões.

Somente a partir dos anos 50 começaram a surgir livros escritos na Ásia, na África e na América Latina que descrevem certos aspectos menos gloriosos do trabalho missionário franciscano, relatando também os modos de pensar e as reações dos oprimidos. Por sua vez, esse novo tipo de historiografia também tende a ser unilateral. Hoje, finalmente, procura-se chegar a uma descrição da história que seja realmente globalizante, objetiva e crítica, confrontando as várias tendências e facetas ambivalentes e até contraditórias de julgar a história.





Visão de Conjunto

II.

Personalidades franciscanas do passado vistas a partir da visão crítica atual

Deixando-nos guiar por estas considerações preliminares, vamos escolher e contemplar algumas personalidades franciscanas do passado para observá-las de maneira nova a partir da visão crítica moderna. Para este fim, serão ressaltados de modo especial os aspectos mais característicos de cada uma delas para tomarmos consciência da sua importância real a partir do entendimento atual.

Desse modo, a história será apta a inspirar e fazer nascer a vida. O conjunto conduzirá a uma espécie de „História das Missões“ descrita através de personagens.

As figuras escolhidas que iremos descrever a seguir, assim como as idéias-força que as impulsionaram e motivaram, são as seguintes:

1. **São Daniel e seus companheiros:** o desejo do martírio.
2. **O bem-aventurado Raimundo Lullo:** o diálogo com judeus e muçulmanos.
3. **João Piano di Carpine:** o entendimento entre os povos.
4. **Colette de Corbie:** vocação para renovar a Ordem.
5. **Francisco José de Jaca e Epifânio de Moirans:** o engajamento em prol da justiça.
6. **São Fidélis de Sigmaringen:** uma relação conflitiva com os protestantes.
7. **Antônio Caballero:** a luta pela inculturação.
8. **Plácido Tempels:** o diálogo com as religiões.
9. **Marie de la Passion:** a opção pelos pobres.
10. **Cardeal Guilherme Massaia:** a coragem de assumir a própria responsabilidade pastoral.
11. **São João de Capistrano:** a preocupação com o Ocidente cristão.
12. **Mary Hancock:** a mulher na política.
13. **Frei Augusto Ramirez Monastério:** o martírio pela justiça e paz.



Informação III.

História das Missões descrita através de personagens

Seguem aqui alguns curtos resumos sobre as atitudes e atividades missionárias de vários homens e mulheres que, de modo significativo, marcaram a nossa história missionária franciscana.



Frei Daniel e seus companheiros: o desejo do martírio

1.

No dia 16 de janeiro de 1220, portanto ainda durante a vida de Francisco, São Bernardo e seus companheiros foram martirizados na cidade de Marrakesh, Marrocos (a Igreja os canonizou em 1481).

Apesar de estar ciente de que isto havia ocorrido, Frei Daniel e sete companheiros partiram, por sua vez, no outono de 1227 para a mesma cidade. Chegando em Marrakesh, começaram a pregar a fé em Jesus Cristo, alegando que quem aderir à fé islâmica é excluído da salvação. Também acusaram Maomé de ser um falso profeta. Somente no nome de Cristo há a verdadeira salvação, eis a sua mensagem. Este modo de falar desagradou e irritou a população muçulmana que - apesar de não entenderem nem o latim nem o italiano -, compreenderam que se falava de Maomé e captaram bem o tom da pregação. No domingo, dia 10 de outubro, os frades foram presos e levados à presença do cádi, diante do qual não demonstraram nenhum remorso, mas reconfirmaram tudo que tinham dito anteriormente. Os islâmicos não queriam aceitar isto. Daniel e seus companheiros foram condenados à morte e executados. Trezentos anos depois, em 1516, foram canonizados pela Igreja. Essa canonização tem um caráter político, pois aconteceu numa época em que a Europa estava ameaçada de sucumbir à invasão dos turcos.



Tanto sob o ponto de vista missionário, legado por Francisco (cf. Lição 7), como pelos pronunciamentos do Concílio Vaticano II (*Nostra Aetate*), o comportamento destes primeiros mártires franciscanos é reprovável. É verdade que o desejo do martírio faz parte da tradição franciscana, chegando até a ser uma tentação franciscana.



Porém, existe diferença entre o desejo do martírio como sinal e prova de um seguimento incondicional a Cristo até a morte na cruz e uma provocação voluntariosa. Não temos o direito de procurar o martírio arbitrariamente, mas devemos estar prontos, isto sim, para arriscar a vida pela nossa fé e por causa da justiça.



bem-aventurado Raimundo Lullo: o diálogo com judeus e muçulmanos

2.

A exemplo de Francisco, o espanhol Raimundo Lullo (1232-1315) também sonhava com a possibilidade da conversão e não da sujeição dos sarracenos. Estava intimamente unido ao modo de pensar franciscano, apesar do fato de não se saber por certo se pertencia ou não como membro à Ordem Terceira Franciscana. Sendo filósofo, Raimundo Lullo estava convencido de que a validade da fé cristã poderia ser comprovada por meio de argumentos lógicos. Por este motivo, a sua exigência: *„Temos que dar fim à guerra material entre cristãos e sarracenos. Pois, enquanto durar esta confrontação, nenhum*

dos dois lados será capaz de iniciar um diálogo pacífico que - com toda certeza - teria como consequência o triunfo da Cruz“ (cf. L. Siekeniac).

Seu modo de pensar era muito avançado, pois, num livro que escreveu, conta o encontro de um pagão com três sábios, ou seja, com representantes das três grandes religiões, com a finalidade de chegar a uma convicção única e comum. Para este fim, todos os missionários teriam que aprender a falar a língua árabe, para poderem dialogar com os filósofos e místicos islâmicos. Pessoalmente, Raimundo discutia com muito êxito com seus vizinhos judeus na ilha de Maiorca, que pertencia à Espanha. Animado por este sucesso, percorreu em seguida a Europa do seu tempo, para difundir as suas idéias. Mendigava para ganhar o seu pão de cada dia e falava com todos com quem se encontrava. Visitava príncipes e



universidades, onde freqüentemente foi escarnecido. Na sua biografia está escrito: „*Sujo e esfarrapado, por causa das fadigas e fainas da caminhada, solitário e desprezado, o mensageiro singular estava pronto para se deixar tratar como um louco por amor ao seu Senhor*“ (cf. L. Siekeniac). Após sua volta a Maiorca, passou a maior parte do seu tempo procurando aprender a língua árabe, valendo-se da ajuda de um escravo marroquino. Em 1313 foi para o Marrocos, onde inicialmente foi bem recebido. Em 1316 ainda continuava com suas discussões filosóficas com a população marroquina, sem perceber que a situação política estava piorando. Por não ter percebido a hostilidade crescente, e continuando a acreditar até o fim que o diálogo seria o melhor meio para alcançar a paz, Raimundo Lullo perdeu a vida. Morreu apedrejado.



João Piano di Carpine: entendimento entre os povos

3.

Em 1246, o italiano João Piano di Carpine foi enviado pelo Papa Inocêncio IV a Caracorum, na Mongólia interior, onde devia negociar com o Agakhan Güyük para afastar da Europa o perigo de uma invasão mongólica. Como outros franciscanos (Guilherme de Rubruk e Odorico de Pordenone) iriam fazer mais tarde - mas muitos anos antes de Marco Polo¹ -, João Piano di Carpine escreveu um relato pormenorizado sobre sua viagem, dando muitas indicações geográficas, históricas e etnológicas. Deste modo lançou, pela primeira vez, uma ponte entre o Extremo Oriente e a Europa, e contribuiu para o conhecimento de outros povos, como também favoreceu o entendimento entre eles.

Frei Benedito, um dos seus companheiros, descreveu a cena do encontro entre João Piano di Carpine e o sucessor de Güyük, o novo Agakhan: „*Estavam presentes aproximadamente 3000 emissários das diferentes partes do mundo, trazendo à corte muitas cartas, respostas e todo tipo de tributos e presentes. Entre os emissários estavam os citados frades, usando vestes de brocado por sobre os seus buréis franciscanos, como era exigido de todos, pois ninguém podia aproximar-se do rei eleito e coroado sem estar vestido de modo digno*“ (Benedito de Breslau: Christopher Dawson (edit.), *Mission to Asia*).

1. Marco Polo (1254-1324) foi o mais importante viajante da Idade Média. Conseguiu o favor do soberano dos mongóis e, por incumbência dele, fez viagens extensas na China.



O próprio João Piano di Carpine escreveu nas suas memórias: „O imperador tem uns 40 a 45 anos de idade, ou talvez um pouco mais velho. Ele é de tamanho médio, muito inteligente e astuto, porém ao mesmo tempo sério e decoroso. Alguns cristãos que se mantêm na sua proximidade, nos contaram que ele raramente é visto a sorrir ou a levar as coisa com menos seriedade. Membros cristãos da sua corte até reiteraram a sua convicção de que ele se converteria ao Cristianismo em pouco tempo. Apontam como um sinal seguro que ele se cercou de clérigos cristãos, providenciando para o sustento deles. Na frente da sua tenda há uma capela para os cristãos, que se mostram abertamente e - assim como fazem cristãos em outras partes do mundo também - anunciam as horas para a oração por meio de toques de sino, de acordo com o costume grego, pouco se importando se há tártaros ou outras pessoas presentes ou não. Em geral, os príncipes dos tártaros não costumam permitir isto“ (J. Giessauf, p. 223). Faz parte do universalismo franciscano procurar e cultivar o entendimento entre os povos, além do puro anúncio da mensagem.



Colette de Corbie: vocação para renovar a Ordem

4.

A francesa Colette de Corbie viveu no século XV, quando um grande cisma dividia a



Igreja ocidental. Os fiéis tiveram que escolher entre dois papas rivalizantes. Convém notar que Colette foi adepta de um anti-papa, apoiando Pedro de Luna, natural da Catalunha, que se intitulava Bento XIII e se apresentava como o adversário do papa legítimo, Bonifácio IX. Foi justamente este anti-papa quem impulsionou Colette à sua grande obra reformadora. Primeiramente, a vida de Colette decorreu sem nenhuma relação ao modo de vida franciscano. Vivia como uma mulher piedosa, ou seja, como uma „beguina“², como se dizia naquele tempo. Depois tornou-se beneditina.

2. *Beguinas eram virgens ou viúvas piedosas que, apesar de não fazerem votos religiosos, viviam uma vida em comum seguindo um modo de vida claustral.*

Mas, certo dia, quando tirava a poeira de uma estátua de São Francisco, lhe pareceu - de modo inequívoco -, que Francisco, de braço estendido, apontava para fora e lhe dava a ordem de ir embora. Então, Colette pediu admissão em um mosteiro de clarissas da versão urbanita³, onde foi admitida na condição de criada. Pouco depois, tornou a deixar o mosteiro e passou a viver como „reclusa“⁴ da Ordem Terceira de São Francisco, de acordo com o seu lema: „Doação por doação, amor por amor“, e vivendo uma vida silenciosa na solidão. A partir daí, muitos iam visitá-la para pedir-lhe conselho. Somente três anos mais tarde, descobriu a sua verdadeira vocação, durante um encontro com o franciscano Henrique de la Baume († 1439). Frei Henrique a convenceu de que ela era chamada a reformar a vida franciscana em decadência na França. Para essa finalidade, em 1406, Colette apresentou um duplo pedido ao anti-papa Bento XIII:

- Pediu a licença de levar uma vida evangélica e apostólica, segundo a Regra original de São Francisco, através de sua entrada na Ordem Segunda das Clarissas;
- Igualmente, pediu a concessão de plenos poderes para a restauração e a reforma da Ordem no espírito de São Francisco.

Procuremos imaginar bem a situação: Uma mulher estranha entra na Ordem com a finalidade de reformá-la; e ainda exigindo plenos poderes ao papa! Manifesta-se aí uma autoconsciência feminina extraordinária. Colette foi uma autêntica reformadora, personificando uma consciência lúcida de sua missão, energia ao agir e força de vontade. Mandou construir para si um „mosteiro ambulante“, uma carruagem, na qual percorreu a França. Rezando e meditando ininterruptamente, Colette visitou os mosteiros de clarissas e os conventos franciscanos, um após o outro. Em toda parte, tornava-se profetisa e uma reformadora bem-vinda ou recusada, conseguindo desencadear um grande movimento. Dentro da Igreja, é uma das poucas mulheres que atingiu por sua reforma não apenas mulheres, mas também homens. Morreu em 6 de março de 1447, quando seu movimento reformador já tinha passado além das fronteiras, chegando à Alemanha (Heidelberg) e à Suíça (Vevey).

Dentro da tradição franciscana, há uma série de mulheres que representam personalidades femininas livres e autoconscientes. Mencionamos como exemplos: Clara de Assis, Ângela de Foligno, Margareta de Cortona, Colette de Corbie, até chegar a Mary Francis Kwon e Mary Hancock. Todas elas têm algo fundamental a dizer.

3. *Clarissas que seguiam à regra escrita em 1263 pelo papa Urbano IV (cf. Lição 2).*

4. *Uma eremita reclusa (cf. Lição 2).*





Francisco José de Jaca e Epifânio de Moirans: o engajamento em prol da justiça

5.

O espanhol Francisco José entrou na Ordem dos Capuchinhos em 1665, dedicando sua vida à missão entre os índios da Venezuela e da Colômbia. Quando foi transferido para Cuba, começou a pregar contra a escravidão. Declarou que - no espírito do direito divino - os escravos eram pessoas livres e que a escravidão constituía uma infração à lei de Deus. Em consequência de suas afirmações categóricas foi encarcerado. Na prisão escreveu o seu livro intitulado: *Sobre a liberdade dos negros, tanto pagãos quanto cristãos*.

Frei Epifânio, um capuchinho francês, que também atuava na Venezuela, condenava o tráfico de escravos do mesmo modo. Também foi levado à prisão em Cuba, onde encontrou o seu confrade Francisco José. Igualmente, escreveu um livro sobre A liberdade natural dos escravos. O bispo diocesano do local suspendeu e excomungou os dois capuchinhos em 1681. Foram enviados de volta à Espanha onde deveriam responder a um tribunal. Porém, os dois apelaram ao Rei e à Sagrada Congregação da Propagação da Fé, descrevendo o tratamento desumano sofrido pelos escravos africanos, que - depois de terem sido caçados e capturados na sua própria terra -, foram levados em navios negreiros como se fossem gado levado à feira ou ao matadouro.

Finalmente, tanto Frei Francisco José como Frei Epifânio foram absolvidos da acusação e soltos. No ano 1686, as autoridades eclesiásticas em Roma concordaram com a opinião dos dois capuchinhos, integrando-a na doutrina oficial da Igreja. Este documento incluía a declaração dos direitos de todas as pessoas, fossem ou não cristãs. Também foi condenada a prática de caçar e vender seres humanos.

Deste modo, Francisco José e Epifânio nos dão exemplos de um agir corajoso, na defesa dos direitos de pessoas oprimidas.



Frei Fidélis de Sigmaringen: uma relação conflitiva com os protestantes

6.

Antes de entrar na Ordem, o capuchinho alemão Fidélis de Sigmaringen foi um advogado de renome (Dr. phil. e Dr. jur.). Mesmo antes de receber o nome de „Fidélis“ (que quer dizer „fiel“) no convento, já seguia ao seu lema: „*Seja fiel até a morte e assim alcançarás a coroa da vida eterna!*“

Fidélis tornou-se um pregador apaixonado que não dava muita consideração à opinião dos seus adversários. Recebeu da sua Ordem a incumbência de reconquistar as regiões da Récia para o Catolicismo, cuja população se tornara protestante. Hoje em dia, esta região forma o cantão de Graubünden, na Suíça; porém, no século XVII pertencia ainda à Áustria que se sentia a protetora da fé católica.

Porém, o povo da Récia queria decidir por si próprio não somente o seu futuro político, mas também a religião que queria seguir. Neste intento, organizou uma revolta armada. Isto contribuiu para que os conflitos políticos e religiosos se misturassem e se confundissem.

Portanto, Fidélis estava numa posição ambígua: de um lado foi nomeado capelão do exército austríaco, de outro lado era missionário enviado a protestantes para reconquistá-los à fé católica. Nesta dupla função valeu-se de meios que hoje em dia se consideram incompatíveis com a fé cristã. Por exemplo, levou diante da Inquisição⁵ Anna Zoller, uma católica que ousava criticar uma das suas homílias, ocasionando assim a expulsão dela de sua cidade natal chamada Feldkirch. Também em outras regiões da Récia, Fidélis tentava impor a fé católica por meios violentos: pregadores de outras convicções foram expulsos, celebrações e círculos bíblicos protestantes foram interditados, o ensino da religião católica foi imposto à força e ainda havia uma série de outras medidas semelhantes. Com este seu „mandato de sanções religiosas“ (= medida político-jurídica para garantir a reintrodução da confissão católica), Fidélis desencadeou a fúria dos protestantes que - assim como ele - se sentiam os legítimos defensores da verdadeira fé. A sua morte foi a consequência direta deste seu „método missionário“.

Pois, somente poucos dias após a publicação do seu mandato, Fidélis foi convidado a pregar em Seewis, uma localidade desta região. Suspeitava tratar-se de uma cilada. Porém, não recusou o convite nem recuou da sua posição. No dia 24 de março de 1622, durante a sua homília, um grupo de protestantes armados o derrubaram do púlpito, o empurraram para fora da igreja, onde o trucidaram barbaramente.



5. *Instância eclesiástica que examinava os pronunciamentos de heréticos para manter a pureza da fé. Empregando variados métodos de inquirição, não raras vezes levou os interrogados à morte.*



Um trecho da última pregação feita por Fidélis pode servir de documento para entendermos o modo como compreendeu a sua missão. O mesmo trecho foi citado depois por Bento XIV num panegírico por ocasião da canonização de Fidélis:

„Ó fé católica, como estás impertubável e inabalável, como estás profundamente enraizada e edificada sobre a rocha firme! Céus e terra passarão, mas tu nunca passarás. Desde o início, o mundo lhe era hostil, mas tu eras mais forte e triunfaste sobre todos. A vitória que vence o mundo é a nossa fé. Foi ela quem submeteu os reis poderosos ao reinado de Cristo; foi ela quem convenceu os povos a se submeterem e a obedecerem a Cristo. Qual foi a força que possibilitou aos apóstolos e mártires suportarem duras lutas e amargos sofrimentos se não a fé, sobretudo a fé na Ressurreição? ... E hoje mesmo, o que leva cristãos verdadeiros a renunciar ao conforto, às amenidades da vida para assumir a dureza e suportar as fadigas? É a fé viva que se faz ativa no amor“ (Citado no Livro das Horas (73), este trecho consta do próprio dos franciscanos).

Na época em que Fidélis morreu, foi fundada em Roma a Congregação pela Propagação da Fé, encarregada de atuar tanto em regiões não-cristãs como em países protestantes. Fidélis foi declarado o „primeiro mártir“ desta Congregação.

Hoje em dia, temos dificuldade de entender o sentido das confrontações bélicas entre cristãos. De ambos os lados foram cometidos assassinatos e homicídios. Mas não somente naquela época, mesmo hoje a religião fornece motivo ou pretexto para desencadear conflitos armados. A necessidade mais urgente é perguntar se Jesus de Nazaré nos legou ou não uma outra compreensão de Deus. Não é mesmo verdade que ele foi testemunha não-violenta de Deus, „missionário de Deus“ por excelência, que assumiu o sofrimento e a morte, sem jamais fazer sofrer os outros da mesma maneira? Francisco de Assis, pelo menos, seguiu este caminho.



Antônio Caballero: a luta pela inculturação

7.

O espanhol Antônio Caballero († 1664) foi professor de teologia em Manila, Filipinas; de lá passou para a China, onde se tornou o fundador da nova missão franciscana, uma vez que a missão de João de Monte Corvino tinha malgrado neste imenso país. Hoje em dia, dificilmente se falaria de Frei Antônio, se não tivesse sido ele - juntamente com o dominicano Juan de Morales - quem se tornou o líder da oposição ao método missionário do Pe. Matteo Ricci, SJ. Ricci, que já tinha chegado na China em 1583, fez a tentativa de valorizar a cultura e a religião chinesas, procurando até introduzir alguns

dos seus valores no Cristianismo. Este procedimento desencadeou uma longa e veemente discussão, a assim chamada „disputa chinesa pelos ritos“; nela os franciscanos, infelizmente, estiveram do lado errado. Não se tratava apenas de uma discussão teológica, mas de uma disputa entre as Ordens religiosas (franciscanos e dominicanos contra jesuítas) e mesmo entre as nações (Espanha contra Itália).

Finalmente, o Papa Clemente XI acabou condenando o método de Pe. Ricci, „para que Deus fosse glorificado na mais completa unidade possível“. Poder-se-ia ter dito também: „da maneira mais ocidental possível“. Já no ano de 1644, Antônio de Caballero havia advertido o Papa Urbano VIII contra este último passo. Uma condenação dos ritos iria conduzir ao recuo do Cristianismo na China. De fato, a consequência trágica foi que o Cristianismo continua sendo um corpo estranho na Ásia até os dias atuais. Somente uns poucos „apóstatas“ têm a coragem de se agregar à religião dos europeus.

No Concílio Vaticano II e no importante documento apostólico Evangelii Nuntiandi, resultado final do sínodo romano dos bispos de 1974, está reconhecido, fundamentalmente, o princípio da pluriformidade na teologia, na liturgia e na disciplina. Entretanto, a aplicação destes princípios na prática continua encontrando muitas resistências e dificuldades, ocasionando grandes tensões na Igreja.



lácido Tempels: o diálogo com as religiões

8.

Este franciscano belga atuou em Katanga, no Zaire. Por vinte anos ensinara às crianças o catecismo do mesmo jeito como todos os outros missionários costumavam fazer. Mas sentia-se desorientado, por notar que tudo o que dizia entrava na cabeça, mas não no coração das crianças. Finalmente, resolveu mudar de método: sentou-se no meio dos adultos e começou a escutar e a aprender. Aos poucos descobriu os elementos com os quais estruturou sua obra conhecida sob o nome de „filosofia bantu“.

A idéia-mestra desta filosofia é a força vital, que - emanando de Deus - chega à geração atual por meio da série dos antepassados, unindo todos em uma comunhão de vida. Esta força vital aumenta com o bem e diminui com o mal. Essa concepção estabelece uma unidade perfeita entre criador e criatura, entre o mundo visível e invisível, entre os vivos e os mortos. Pe. Tempels encontrou aí uma plena harmonia com a doutrina cristã a respeito da vida na Santíssima Trindade, em Jesus Cristo, e em seu corpo místico. Fundou o movimento chamado „Jamaa“, formado por uma espécie de comunidades de base, onde os cristãos podiam viver a sua fé nos moldes da própria cultura bantu. Porém,





Árvore da vida

em conseqüência de certos mal-entendidos, surgiram violentas discussões. Em 1964, Pe. Tempels foi interrogado em Roma pela Congregação da Fé durante várias semanas, sendo finalmente banido do Zaire por determinação eclesiástica. A Igreja ainda não estava no ponto de reconhecer o valor do método inventado por Pe. Tempels. Ele teve que sofrer a sorte dos profetas.

A nova teologia das religiões e o reconhecimento delas se impõem desde o Concílio Vaticano II e graças ao Secretariado Romano para as Religiões Não-Cristãs. Isto marcou uma virada na maneira cristã de relacionar-se com as outras religiões. Em princípio, deseja pôr fim à injustiça que cometemos durante séculos frente a outras crenças. Pois tínhamos condenado aquelas religiões como paganismo, idolatria e obras do demônio, sem, ao menos, tentar conhecê-las e compreendê-las por dentro. Ao mesmo tempo, representa um alargamento de horizontes para nós mesmos, uma vez que, desde então, começamos a pressentir a grandeza do Cristo cósmico e a atuação do Espírito Santo em todas as religiões. Pois, em todos os tempos, Deus concedeu aos homens de todas as convicções benevolência e graça. Enviou-lhes profetas e místicos que ele mesmo conduziu e inspirou.

Portanto, hoje a missão tem a tarefa de reconhecer estas „verdades salvíficas“ e de contribuir para uma futura unidade entre as Igrejas, considerando o Cristo como o centro de todas. Trata-se de reunir todas as religiões em volta do único Deus e Pai de todos, com o fim de alcançar uma convivência fraterna entre todos os seres humanos. Esta tarefa, Francisco já a pressentia

intuitivamente, demonstrando-a na sua vida. Esta convicção e certeza foi explicitamente reconhecida e assumida pela Congregação no seu documento „Diálogo e Missão“ (1984, Nº 17) e pelo Papa João Paulo II na encíclica *Redemptoris Missio* (1990).



Marie de la Passion: a opção pelos pobres

9.

Em 1839, Hélène de Chappotine nasceu na França, na cidade de Nantes. Após um breve contato com as clarissas, ingressou na Congregação „Maria Reparadora“, na qual recebeu o nome de Marie de la Passion. Já em 1866, foi enviada à missão na Índia, onde dois anos mais tarde teve de aceitar o cargo de superiora provincial em Madurai. Depois de alguns anos, surgiram desentendimentos entre as irmãs nativas e as estrangeiras. No início, Irmã Marie conseguiu diminuir essas tensões, mas depois chegaram a tal ponto que, em 1876, ela teve que depor o seu cargo de provincial. Rivalidades, calúnias e altercações tornaram-se frequentes. Um conflito de consciência não lhe deixava outra alternativa senão sair da congregação acompanhada por vinte irmãs que a apoiavam. Na Índia, ela fundou então o Instituto das „Missionárias de Maria“ sob a autoridade do bispo Bardou de Coimbatore e Ootacamund.



No fim de 1876, Ir. Marie de la Passion viajou para Roma com três co-irmãs, a fim de justificar seu procedimento perante a Congregação da Fé e para pedir ao Papa Pio IX o reconhecimento da sua nova fundação. Já em 6 de janeiro de 1877 chegou a aprovação de Roma. A jovem congregação foi autorizada, então, a receber candidatas. Ainda no mesmo ano se fundou um noviciado na França. Madre Marie de la Passion foi eleita superiora geral. Porém, continuaram a existir certas reservas e desconfianças quanto à sua pessoa e seus planos. Em 1882, fez mais uma viagem a Roma, onde entrou em contato com a Cúria Geral dos Franciscanos (OFM). Escreveu novas Constituições e, no dia 4 de outubro de 1882, recebeu do Papa Leão XIII a licença de agregar sua congregação



à Ordem Terceira Regular de São Francisco com o nome de „Franciscanas Missionárias de Maria“ (FMM).

Durante toda a sua vida foi obrigada a lutar com muitas dificuldades e passou por fases de incompreensões e pobreza. Mas nem Marie de la Passion, nem suas irmãs se deixaram abater por isso. Ainda durante a vida da fundadora, sua congregação se espalhou por todos os continentes, fazendo fundações na Ásia, na Europa, na África e nas duas Américas.

As irmãs optaram pelos pobres e viveram no meio deles. Uma das primeiras tarefas que assumiram foi a assistência dada a leprosos. Também organizaram o ensino e a habilitação artesanal de crianças pobres. Desde o início, a promoção da causa da mulher foi uma característica da congregação.

A vida desta fundadora é realmente fora do comum. Foi uma „mulher forte“ que não capitulava diante das dificuldades, mas seguia seu caminho com firmeza, disposta até a lutar, quando necessário. Estava consciente de sua vocação, mesmo quando essa a levava a enveredar por atalhos espinhosos. Um profundo enraizamento na espiritualidade franciscana e um grande amor à missão foram as fontes de sua força. Ela via o lugar de sua comunidade entre os pobres e camponeses; e esta visão era igual à de Francisco, que descobriu sua verdadeira vocação na dedicação aos pobres. Ela escreveu: *„Assim como São Paulo e os operários, também as irmãs devem ganhar seu pão com o trabalho de suas mãos e desse modo anunciar o nome de Deus de norte a sul, e de sul a norte.“* Deste modo, Madre Marie de la Passion tornou-se a fundadora de uma das maiores congregações missionárias dentro da família franciscana. Das 8.000 religiosas, a maior parte vive e trabalha nos países do Hemisfério Sul, onde a pobreza e o subdesenvolvimento se tornam o maior desafio para as irmãs e os irmãos do Poverello. De fato, muitas vezes as Franciscanas Missionárias de Maria assumem a sua opção pelos pobres de um modo muito mais radical do que as comunidades masculinas, a fim de viverem e testemunharem no a mensagem libertadora meio dos pobres.



**ardeal Guilherme Massaia:
a coragem de assumir
a própria responsabilidade pastoral**

10.

Este capuchinho italiano passou 35 anos na Etiópia como vigário apostólico enviado ao povo nômade dos Gala, tendo de lutar com imensas dificuldades. Teve de superar não apenas a resistência das autoridades políticas e da Igreja copta, mas também da Igreja de Roma. Considerando a peculiaridade de sua situação, resolveu, em vários pontos,

seguir caminhos próprios que não correspondiam de todo às instruções romanas. Ordenou simples catequistas sacerdotes, porque dependia completamente dessa força auxiliar. Redigiu um catecismo muito simples na língua dos nômades e conforme o modo de pensar deles. Por causa destas duas iniciativas recebeu severas censuras de Roma. Mas ele se defendeu: „*Em questões de fé obedeco a Roma, mas nos assuntos pastorais sou eu o bispo. Aí monto a cavalo e conduzo a batalha. Se o rei quiser dirigir a luta, permanecendo no palácio, já de antemão a batalha estará perdida...*“ Quando este pioneiro corajoso retornou à Itália, o Papa Leão XIII o nomeou cardeal. Morreu em 1889.

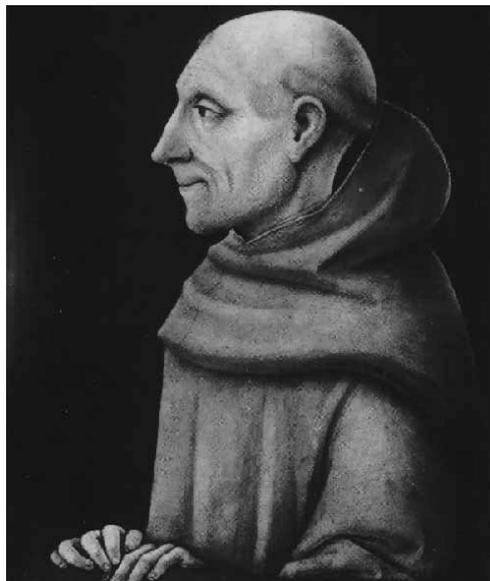
A iniciativa do papa, fazendo de um vigário apostólico singular um cardeal da Igreja universal, é exemplar para o nosso tempo. O mesmo vale para a coragem demonstrada pelo futuro Cardeal Massaia, que - na sua função de bispo de um povo nômade - intuiu o que deveria fazer, independentemente do consentimento ou não das autoridades centrais da Cúria Romana.



João de Capistrano: a preocupação com o Ocidente cristão

11.

No nível político, o italiano João de Capistrano teve muito mérito no que se refere à unificação da Europa em prol da defesa comum contra a ameaça turca. Depois que os turcos tomaram a cidade de Constantinopla, em 1453, João colaborou na organização da defesa militar da Europa que acabou conseguindo repelir os turcos e libertar Belgrado das suas mãos. Por mais de quarenta anos atuou ele, junto com São Bernardo de Sena, como um dos maiores pregadores itinerantes e como conselheiro de príncipes e papas. Foi nomeado inquisidor-mor⁶ e exigiu dos papas e dos reis duras leis contra os judeus, para exterminar esta „mácula“ do Ocidente cristão.



6. A maior autoridade da Inquisição.



Na qualidade de inquisitor foi à Hungria, onde o regente Jannos Hunyadi apoiava os franciscanos. Sua intenção foi converter os hussitas e o povo dos servos ortodoxos.

Por amor à fé católica - assim como ele a entendia -, deu passos e representava convicções que não correspondem ao espírito do Evangelho. Morreu em 1456 e foi canonizado em virtude da sua preocupação com o Ocidente cristão.

Hoje, novamente, a Europa e todo o Ocidente cristão necessitam de atenção e dedicação especial. Somente após duas guerras mundiais a Europa conscientizou-se do fato de que seus povos deveriam unir-se como uma família. Os problemas sociais e econômicos podem ser resolvidos e a paz na Europa garantida se houver uma colaboração intensiva e uma solidariedade fundamental entre todos, conduzindo finalmente a uma unificação política entre as nações e povos europeus. Isto exige o empenho de pessoas carismáticas.

É fundamental a convicção de que os aspectos sociais, econômicos e políticos não devem estar separados dos valores espirituais e culturais inerentes à história européia. A tradição judaica e cristã se fundiu com a cultura grega e romana, mas também com as contribuições germânicas, celtas, eslavas e de muitos outros povos, de maneira que daí surgiu uma herança comum que é preciso preservar e cuidar.

No entanto, isto não deve conduzir à mentalidade hostil que exclui todas as outras influências. Além das fronteiras da Europa, o espírito árabe, ou seja, a mentalidade islâmica, também deixou uma contribuição inconfundível.

Hoje em dia, o ininterrupto cruzamento e contato entre os povos da Europa conduz a uma pluriformidade cultural que abre as portas a novas tarefas, ou seja, à formação de uma sociedade multicultural, que deve encontrar uma ordem apoiada em valores comuns.

Finalmente, não se pode negar, atualmente, que a influência das raízes judaico-cristãs, das quais resultou o Ocidente cristão, esteja diminuindo mais e mais. Por isso, o Papa João Paulo II declarou em 1978: *„A Europa está voltando a se tornar uma terra de missões. Isto não há de ser um motivo para desanimar, mas, antes, um grande desafio.“*

Portanto, a preocupação pelo Ocidente cristão - assim como foi proposta por João de Capistrano - continua sendo uma tarefa urgente para nós hoje em dia, tendo que ser resolvida, porém, animada por um espírito diferente.



Mary Hancock: a mulher na política

12.

Mary Hancock morreu no dia 27 de outubro de 1977, em Dar-es-Salaam (Tanzânia, África Oriental), quando tinha 67 anos de idade. No dia seguinte, celebraram-se as suas exéquias solenes na catedral da cidade. O Cardeal L. Rugambwa presidiu as cerimônias, acompanhado pelo pronúncio apostólico, pelo arcebispo anglicano John Sepeku, por diversos bispos da Tanzânia e por mais de 30 sacerdotes concelebrantes. Amigos e conhecidos lotaram a catedral; entre eles estava o presidente Júlio K. Nyerere, assim como diversos ministros e membros do governo do país.

Quem era essa mulher da qual queriam despedir-se todos os governantes do país e os amigos? Mary Hancock nasceu na Inglaterra no ano de 1910. Seu pai era pároco da Igreja anglicana. Em 1941, ela foi para a Tanzânia como professora. Desempenhou papel importante como educadora e professora de nível superior nas maiores escolas para moças, dedicando todos os seus esforços para melhorar essencialmente a educação e a formação das mulheres. Em 1954, sob a direção do professor Júlio K. Nyerere, o futuro presidente, teve início a luta pacífica, mas nem por isso fácil, pela independência do país. „Mamãe“ Hancock, assim era chamada por todos, tomava parte nisso. Acreditava na dignidade do ser humano e desse povo que ela, há muito tempo, aprendera a amar. Nessa aspiração de independência, ela não poupava esforços. Por isso, uniu-se ao povo e cresceu com ele. Após a independência do país em 1961, tornou-se cidadã da Tanzânia, o que era apenas uma consequência de sua atitude.

Mas nem então „Mamãe“ Hancock teve sossego. A estima e o respeito à dignidade humana não surgiram automaticamente com a independência política. As mulheres enfrentaram uma longa caminhada até chegarem à igualdade espiritual de direitos e à estima. „Mamãe“ Hancock dedicou-se, pois, infatigavelmente a essa causa. A injustiça crescia pela corrupção de toda espécie, e também o sofrimento dos pequenos pelo egoísmo e a comodidade nos postos-chave dos novos órgãos de governo, na política e na economia. „Mamãe“ Hancock dava aos males o nome real. Ela era corajosa, até muito corajosa. Tal empenho pela justiça resultou, para ela, em grande estima perante a maior parte das pessoas. Quando „Mamãe“ Hancock falava nas assembleias públicas, nas numerosas comissões ou no parlamento - desde 1970 até a morte era ela membro do parlamento - encontrava ouvintes atentos, que sabiam que „Mamãe“ Hancock vivia o que defendia em público, com energia e até com humor. Esta mulher, magra como um palito, de olhos vivos e vigilantes, gozou de grande respeito, sobretudo da parte do presidente J.K. Nyerere. Donde essa mulher extraordinária tirou força para empenhar-se tanto na promoção da



educação da mulher, como na luta pelo respeito para com a dignidade do povo? „Mamãe“ Hancock tinha fé profunda e grande amor a São Francisco de Assis. Antes mesmo de sua passagem para a Igreja Católica (1956), já fazia parte de uma comunidade anglicana de São Francisco. Depois, como católica, tornou-se membro da Ordem Terceira Franciscana. Com Francisco ela aprendeu a amar a Jesus Cristo de coração apaixonado. Nesta união com Cristo, podia tomar sobre si o sofrimento do povo, suportar a tensão entre o ideal e a realidade na vida econômico-política do país, e, por toda a parte, despertar nova esperança. No espírito de São Francisco enxergava os africanos como irmãos e irmãs seus.

Quando refletimos profundamente sobre a história do movimento franciscano, verificamos sempre quanto as mulheres se empenharam pela forma de vida franciscana, também em público, perante a Igreja e o mundo. „Mamãe“ Hancock mostra quanto uma mulher pode engajar-se pela liberdade da pessoa humana; e como sua presença é necessária, justamente por ser mulher, para que a política permaneça humana.



rei Augusto Ramirez Monastério: o martírio pela justiça e paz

13.

Em 7 de novembro de 1983, foi encontrado morto o Padre Augusto Ramirez Monastério, pároco e guardião do convento franciscano de San Francisco de la Antigua Guatemala, na periferia de Guatemala City. Forças de segurança o haviam matado a tiros. O motivo para este crime foi o acontecimento seguinte:

Um lavrador disse a Frei Augusto, em confissão, que pretendia abandonar as tropas da guerrilha e voltar à vida normal. Frei Augusto o aconselhou a colocar-se sob a proteção da lei de anistia promulgada recentemente, e como testemunha o acompanhou até a polícia. Poucos dias depois, Frei Augusto foi preso e levado para um acampamento militar. Lá devia presenciar como aquele compositores estava sendo torturado. Também dele queriam arrancar informações sob ameaça de tortura. Após algumas horas de prisão e torturas, foi libertado, certamente graças às boas relações de que desfrutava. Relatou a um bispo o ocorrido. Uma comissão governamental prometeu esclarecer o caso e exigir contas aos responsáveis. Três semanas mais tarde Frei Augusto era assassinado.

A morte de Frei Augusto é tomada, aqui, como exemplo de muitos destinos semelhantes de padres, religiosos(as) e leigos(as) engajados na América Latina. Ela lança luz sobre a situação do continente e sobre o engajamento de muitos cristãos(ãs). Na maioria dos países latino-americanos existem violentos contrastes sociais.

Riqueza, matérias-primas, terras e bens, tudo está nas mãos de uns poucos latifundiários, pertencentes a uma pequena camada superior ou a empresas multinacionais. A maioria do povo, porém, sofre pobreza, fome, desemprego, vivendo em condições indignas. Estas situações injustas, muitas vezes, são mantidas pelos governantes mediante violência e terror. O triste balanço de tudo isso são massacres, aldeias incendiadas, inúmeros sem-terra, imigrantes e excluídos, banidos e assassinados.

Nesta situação, bispos, padres e comunidades de base cristãs e outras pessoas individualmente têm-se colocado decididamente ao lado dos pobres e oprimidos. Com palavras claras chamam esse estado de coisas pelo verdadeiro nome e tomam partido contra os governantes. Inspirados no Evangelho, se solidarizam com os oprimidos. Não poucos pagaram seu engajamento decidido com a própria vida. Para todos eles valem as palavras do bispo Próspero Penedas, por ocasião da morte de Frei Augusto: *„Estou convencido de que o sangue dele será precioso para o futuro da Igreja em nosso país.“*





Exercícios IV.

1.

Na Regra Não-Bulada, Francisco dá recomendações para o trabalho missionário „*entre sarracenos e outros infiéis*“ (RegNB 14 e 16), onde transparece a sua idéia original sobre os objetivos da atividade missionária. Conforme a respectiva situação, ele propõe duas maneiras possíveis de proceder:

1. Evangelização pela simples presença e por um despretenso testemunho: „*abster-se de rixas e disputas, submetendo-se a todos os homens por causa do Senhor (1Pd 2,13) e confessando ser cristão*“;
2. Evangelizar pela palavra: „*anunciar a palavra de Deus quando o julgar agradável ao Senhor.*“

Perguntas:

1. Quais são os modos de proceder e quais as atitudes essenciais e insubstituíveis destes conceitos de missão?
2. Nos comportamentos das missionárias e dos missionários franciscanos, dos quais e fala nesta Lição, é possível constatar concordâncias ou divergências destas mesmas idéias?



2.

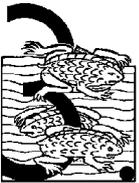
No seu diário, Plácido Tempels, OFM, descreve as diversas etapas pelas quais passou em sua atuação missionária na África:

„*Dez anos a fio... experimentava eu, com olhos sempre fixos em meu manual, todos os métodos, todos os modelos, para levar os homens a compreender a religião cristã, a aceitá-la e praticá-la. Escrupulosamente seguia todas as diretrizes, mas apesar disso a máquina não andava... Pela primeira vez, nesses dez anos, deixei de perguntar aos manuais, catecismos e compêndios de fé, para dirigir minha atenção com admiração e fascinação por... aqueles homens, para os quais eu antes jamais havia olhado. De fato,*

eu não estava verdadeiramente interessado por eles, em seu mundo de idéias, em seus desejos, mas unicamente na religião, da qual eu era propagandista. Olhei para esses homens e, por fim, voltei-me para eles: Que tendes? Que vos falta? Que homens sois? Que pensais? Que desejais acima de tudo? Para que empregais os remédios mágicos? Que significam eles para vós? Como atuam eles? O que pensamos, diziam-me eles, o que desejamos, o que procuramos é a vida, a vida plena e total. O que procuramos é a fertilidade, a paternidade, a maternidade, uma grande fertilidade, não apenas física, mas inteiramente humana: ser pai, ser mãe, transmitir a vida, sobreviver um no outro, comunicar nossos pensamentos. Depois disso, depois de nosso desejo de uma vida total, vem nosso desejo de fertilidade. O que desejamos é a unidade da vida, a unidade com os outros seres vivos, visíveis e invisíveis. Não se poderia viver isolado. O isolamento nos mata. Procuramos para nós uma comunhão de vida com tudo o que existe. Quando nos deixam sozinhos, estamos mortos; é como se não existíssemos.”

Perguntas:

1. Essa intuição corresponde à idéia missionária franciscana?
2. Até que ponto valem ainda hoje os pensamentos de Plácido Tempels para os missionários que atuam em regiões chamadas cristãs?
3. Quais de suas próprias experiências batem com as experiências de Tempels?



3.

Em seguida, apresentamos dois mapas de regiões onde missionários franciscanos atuaram entre os séculos XIII e XVI.





Perguntas:

1. Em quais das regiões percorridas pelos missionários a fé cristã se tornou uma convicção religiosa realmente assumida, assimilada e característica do povo local?
2. Onde os países continuam sendo nada mais que territórios de missão?
3. Onde a influência cristã se encontra quase extinta?



4.

No mapa seguinte, desenhe os países de origem e as regiões de atuação dos missionários apresentados nesta Lição, ligando os respectivos pontos entre si.



Perguntas:

1. Que configuração teria, hoje, um mapa missionário?
2. De que países provêm os missionários e onde se estabeleceram eles?





Aplicações

V.

1.

Tarefas:

1. Procure criar uma celebração litúrgica, em que se apresenta e homenageia uma personalidade missionária.
2. Formule você mesmo ou procure textos, cantos, ladainhas, orações e preces, nos quais se expressam as preocupações, as alegrias e os interesses dos missionários.



2.

Na presente Lição, no trecho sobre Antônio Caballero, fala-se da „disputa chinesa pelos ritos“. Até que ponto a Igreja conseguiu superar esta problemática?

Estude a respeito os seguintes textos:

1. De *Redemptoris Missio*, encíclica do Papa João Paulo II, sobre a validade ininterrupta do envio missionário (1990).

Nº 37, c): Paulo, depois de ter pregado em numerosos lugares, chega a Atenas e vai ao areópago, onde anuncia o Evangelho, usando uma linguagem adaptada e compreensível para aquele ambiente (cf. At 17,22-31). O areópago representava, então, o centro da cultura do douto povo ateniense, e hoje pode ser tomado como símbolo dos novos ambientes onde o Evangelho deve ser proclamado.

O primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações, que está unificando a humanidade, transformando-a - como se costuma dizer - na „aldeia global“. Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. Principalmente as novas gerações crescem num mundo condicionado pelos mass-média. Talvez se tenha descuidado, um pouco, deste areópago: deu-se preferência a outros instrumentos para o anúncio evangélico e para a

formação, enquanto os mass-média foram deixados à iniciativa de particulares ou de pequenos grupos, entrando apenas, secundariamente, na programação pastoral. O uso dos mass-média, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um fato muito mais profundo, porque a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência. Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta „nova cultura“, criada pelas modernas comunicações.

É um problema complexo, pois esta cultura nasce, menos dos conteúdos do que do próprio fato de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas. Meu predecessor Paulo VI dizia que „a ruptura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época“, e o campo da comunicação moderna confirma plenamente este parecer.

Existem muitos outros aréopagos do mundo moderno, para os quais se deve orientar a atividade missionária dos povos. Por exemplo, o empenho pela paz; o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo o das minorias; a promoção da mulher e da criança; a proteção da natureza, são outros tantos setores a serem iluminados pela luz do Evangelho.

Nº 55: À luz do plano de salvação, a Igreja não vê contraste entre o anúncio de Cristo e o diálogo inter-religioso; sente necessidade, porém, de conjugá-los no âmbito da sua missão ad gentes. De fato, é necessário que esses dois elementos mantenham seu vínculo íntimo e, ao mesmo tempo, a sua distinção, para que não sejam confundidos, instrumentalizados, nem considerados equivalentes, a ponto de se poderem substituir entre si. Recentemente, escrevi aos bispos da Ásia: „Mesmo reconhecendo a Igreja, de bom grado, o quanto há de verdadeiro e de santo nas tradições religiosas do Budismo, do Induísmo e do Islão - reflexos daquela verdade que ilumina todos os homens -, isso não diminui seu dever e sua determinação de proclamar, sem hesitação, Jesus Cristo que é 'o Caminho, a Verdade e a Vida' ... O fato de os crentes de outras religiões poderem receber a graça de Deus e serem salvos por Cristo, independentemente dos meios normais por ele estabelecidos, não suprime, de fato, o apelo à fé e ao batismo que Deus dirige a todos os povos. Na verdade, o próprio Senhor, „ao inculcar expressamente a necessidade da fé e do batismo, ao mesmo tempo corroborou a necessidade da Igreja, na qual os homens entram pela porta do batismo“. O diálogo deve ser conduzido e realizado com a convicção de que a Igreja é o caminho normal de salvação e que só ela possui a plenitude dos meios de salvação.

2. De Ecclesia in Africa, carta apostólica neo-sinodal do Papa João Paulo II sobre a Igreja na África e a sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000 (1995):

Nº 78: No séquito do Concílio Vaticano II, os Padres Sinodais declararam que a inculcação é um processo que abrange toda a extensão da vida cristã - teologia, liturgia,



costumes e estruturas -, naturalmente sem tocar no direito divino e na grande ordem da Igreja, como foi comprovado no decorrer dos séculos pelas realizações extraordinárias da virtude e do heroísmo.

O desafio da inculturação na África consiste na possibilidade de os discípulos de Cristo aceitarem sempre melhor a mensagem do Evangelho e ao mesmo tempo continuarem fiéis aos autênticos valores africanos. Inculturar a fé em todos os setores da vida cristã e humana é, porém, uma tarefa árdua, que necessita para sua realização a assistência do Espírito do Senhor, que conduz a Igreja a toda a verdade (cf. Jo 16,13).

Tarefa:

Dê a sua opinião quanto a estes textos. Em que sentido lhe parece que contribuem para uma superação da „disputa pelos ritos“ e em que sentido a impedem?

Bibliografia VI.

Batton, A.,

Wilhelm von Rubruk. Ein Weltreisender aus dem Franziskanerorden und seine Sendung in das Land der Tartaren (Münster 1921)

Bey, H. von der (edit.),

„Auch wir sind Menschen so wie ihr!“ Franziskanische Dokumente des 16. Jahrhunderts zur Eroberung Mexikos (Paderborn 1995)

Caballero, A.,

España en Extremo Oriente: Filipinas, China, Japón, Presencia franciscana 1578-1978 (Madri 1979)

Camps, A.,

Das franziskanische Missionsverständnis im Lauf der Jahrhunderte. A Camps e G. Hunold (edit.) em: Erschaffe mir ein neues Volk (Mettingen 1982), p. 30-43

Cohen, J.,

The Friars and the Jews. The evolution of medieval Anti-Judaism (Ithaca 1982)

Craemer, W. de,

The Jamaa and the Church. A Bantu Catholic Movement in Zaire (Oxford 1977)

Daniel, E.R.,

The Franciscan Concept of Mission in the High Middle Ages (Kentucky 1975)

Dawson, C. (edit.),

Mission to Asia (Toronto 1980) 79-84

Filosa, R.,

In Gunst und Zorn des Negus. Missionare, die Geschichte machen: Guglielmo Massaia, Äthiopien (Mödling/St. Augustin 1979)

Francis, M.,

Geborgen im Licht. Leben und Werk der hl. Colette von Corbie (Kevelaer 1983)

Giessauf, J.,

Die Mongolengeschichte des Johannes von Piano Carpine. Einführung, Text, Übersetzung, Kommentar (Graz 1995)

Gossen, B.,

Der heilige Fidelis von Sigmaringen (Munique 1933)

Goyan, G.,

Valiant Women: Mother Mary of the Passion and the Franciscan Missionaries of Mary (Londres 1947)



Hofer, J.,

Johannes Kapistran. Im Kampf um die Reform der Kirche, 2 vols. (Heidelberg 1964s)

Jochum, A.,

Beim Grosskhan der Mongolen. Johannes von Monte Corvino, 1247-1328 (St. Augustin 1982)

Lullo, R.,

Buch vom Heiden und den drei Weisen (Freiburg i.Br. 1986)

Massaia, G.,

I miei 35 anni di missione nell'alta Etiopia, 12 vols. (Roma 1885-1895)

Missionszentrale der Franziskaner (edit.),

- Der franziskanische Missionsauftrag in einer veränderten Welt (= Berichte - Dokumente - Kommentare 58) (Bonn 1995)
- Franziskanische Spiritualität und Evangelisation (= Berichte - Dokumente - Kommentare 64) (Bonn 1996)

Nembro, M. da,

La missione dei Minori Cappuccini in Eritrea, 1894-1952 (Roma 1953)

Rotzetter, A.,

Treue zu Jesus Christus und Verteidigung des Glaubens. Zum 250. Jahr der Heiligsprechung des Kapuziners Fidelis von Sigmaringen, em: Helvetia Franciscana 25 (1996), Caderno 1, p. 60-79.

Rotzetter, A.; Morschel, R. e Bey, H. von der (edit.),

Von der Conquista zur Theologie der Befreiung. Der franziskanische Traum einer indianischen Kirche (Zurique 1993)

Schell, R.,

Fidelis von Sigmaringen, 1577-1955 (Sigmaringen 1977).

Sievernich, M. et alii (edit.),

Conquista und Evangelisation. Fünfhundert Jahre Orden in Lateinamerika (Mainz 1992).

Specker, J.,

Die Missionsmethode in Spanisch-Amerika im 16. Jahrhundert (Schöneck/Beckenried 1953).

Temples, P.,

Bantu-Philosophie. Onthologie und Ethik (Heidelberg 1956).

Wissmann, H.,

„Sind doch die Götter auch gestorben.“ Das Religionsgespräch der Franziskaner mit den Azteken von 1524 (Gütersloh 1981)

Legendas VII.

das Ilustrações

Capa:

São Francisco.

Folha de rosto:

Esfera armilar, usada para indicar a longitude. Biblioteca do Escorial, Madri.

Foto: Josse.

P. 4: Um monge pregando diante de franciscanos. Barcelona, ca. de 1500.

P. 6: A escada. Gravura em linóleo de Azaria Mbatha, 1968.

P. 9: Muçulmanos executando S. Daniel e seus companheiros. Gravura de Adriaen Collaert, segundo desenhos de Adam van Oort (van Noort) 1562-1641.

P. 10: Raimundo Lullo discutindo com sábios islâmicos na Tunísia, 1292.

P. 12: Ícone de Santa Colette.

P. 15: S. Fidélis de Sigmaringen com a Igreja de S. Fidélis em Hedingen e a casa de Fidélis. Estampa: C. Tappen, Sigmaringen, ca. de 1860.

P. 18: Árvore da vida. Gravura em madeira da Tanzânia.

P. 19: Marie de la Passion, fundadora das Franciscanas Missionárias de Maria (1839-1904).

P. 21: S. João de Capistrano. Thomas Burgkmair, ca. de 1490.

P. 25: América Latina. Desenho de Peter Brookes.





Para refletir

fazei-me instrumento de vossa paz

Senhor,
fazei-me instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvida, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.



Ó Mestre,
fazei que eu procure mais,
consolar que ser consolado.
compreender que ser compreendido,
amar que ser amado.

Pois é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
e é morrendo que se vive
para a vida eterna.

